



Denise Gonçalves

### Objeto, espaço e cotidiano no estudo da casa oitocentista brasileira

No ano de 1853 é publicada na Revue Générale de l'Architecture et des Travaux Publics uma série de quatro artigos de autoria do engenheiro francês L.L. Vauthier intitulada "Casas de habitação no Brasil". Esse estudo feito in loco pelo autor e escrito sob a forma de cartas por encomenda do próprio editor da revista, Cesar Daly, corresponde ao crescente interesse no meio arquitetônico europeu primeiramente pelo tema da habitação – que coloca a arquitetura residencial num plano mais alargado das relações com a cidade e/ou território, incluindo os aspectos sociais, econômicos e políticos –; e em particular sobre a habitação nos lugares de clima quente, preocupação explicada pela necessidade das viagens e instalação dos europeus nos cinco continentes em vistas do desenvolvimento do comércio internacional.

O conjunto dos artigos de Vauthier é bastante conhecido e citado pela historiografia de arquitetura brasileira, principalmente pela assertiva de que "quem viu uma casa brasileira viu quase todas" referindo-se à "monotonia desesperante" da nossa arquitetura residencial de meados do século XIX ainda fortemente ancorada no modelo colonial, afirmação que tem suscitado opiniões contraditórias.

No entanto não é essa questão da "monotonia" a causa do nosso interesse pelo texto, nosso foco está na abordagem da arquitetura residencial feita pelo engenheiro. Sob a forma despretensiosa de um simples relato de viagem e através de uma linguagem acessível ao público leigo, Vauthier traça um quadro da habitação no Brasil oitocentista que ultrapassa em muito os aspectos simplesmente formais. A materialidade da casa é explicada através de uma série de relações que remontam ao processo de formação das cidades e à espacialização das funções urbanas e que se referem igualmente ao clima, relevo e paisagem; aos materiais e sistemas de construção locais; ao trabalho escravo; e aos habitantes considerados em sua intimidade cotidiana, quer seja em seu "morar urbano" quer em seu "morar rural". Tudo isso é descrito como num filme: a narrativa é fortemente imagética e conduz o leitor através de um percurso espacial que entra e sai das casas, passeia pelas ruas da cidade e toma o caminho dos engenhos em meio às transformações da paisagem.

Pensando-se em novos direcionamentos para a história da arte, a abordagem multifocal de Vauthier mostra-se exemplar para o desenvolvimento de uma historiografia construída a partir da complexidade das relações que envolvem objeto, espaço e cotidiano.